



Uma Experiência com Monitoria Acadêmica de Matemática para Alunos Surdos no PROEJA: Expectativas e Desafios em Um Cenário de Precarização.

Fabrcia Nicomedes De Souza¹

Jéssica Passos Barreira²

André Guimarães Valente³

Fernanda Paixão de Souza Gouveia⁴

Resumo do trabalho. Frente ao contingenciamento de recursos à educação pública federal em 2019, o atendimento às demandas da comunidade escolar de suas instituições tem sido severamente afetado, com impactos mais profundos aos setores mais vulneráveis, como dos sujeitos com necessidades específicas, em particular, no público de estudantes surdos atendidos no Proeja do IFRJ, *campus* Duque de Caxias. Este cenário de cortes de recursos públicos potencializa a distância existente entre formação acadêmica de discentes ouvintes e surdos, já que as condições de acolhimento pedagógico mais básicos, se já precarizadas, se aprofundam, não lhe sendo garantidos o mais imediato, como por exemplo, o acompanhamento do discente surdo pelo tradutor intérprete de Libras. Na contramão desta realidade e com os mesmos limites impostos pela ausência de recursos, busca-se aqui relatar a experiência da monitoria acadêmica em matemática como um instrumento para dirimir os efeitos desta precarização. Como já anunciado, tomou-se a experiência da monitoria desenvolvida na realidade empírica de um dos *campi* do Instituto Federal do Rio de Janeiro, o *campus* Duque de Caxias, especificamente na prática pedagógica destinada aos sujeitos surdos da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional de nível médio, mediante a experiência do Proeja. Foram relatadas as práticas, os desafios e expectativas dos alunos monitores, bem como a potencialidade que estas experiências podem trazer à formação humana e profissional dos mesmos.

Palavras-chave: Educação Matemática de Surdos; Proeja; Formação; Monitoria Acadêmica.

Introdução

O cenário de contingenciamento de recursos à educação pública federal tem se acirrado no ano de 2019, afetando sobremaneira o atendimento da sociedade em suas instituições e em suas atividades pedagógicas. Desde 2006, o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) tem ofertado cursos no âmbito do Proeja, Programa Nacional de Integração

¹ Instituto Federal do Rio de Janeiro, dcifrj12018.fabricia@proeja.com.

² Instituto Federal do Rio de Janeiro, dcifrj22018.jessica@proeja.com.

³ Instituto Federal do Rio de Janeiro, andre.valente@ifrj.edu.br.

⁴ Instituto Federal do Rio de Janeiro, fernanda.gouveia@ifrj.edu.br.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, instituído pelo Decreto 5840/2006. Àquela época, o mesmo ainda se constituía como Centro Federal de Educação Tecnológica de Química (CEFETEQ). Ressaltamos que é em 2008 que os Institutos Federais são criados, mediante a Lei 11.892/2008.

No que diz respeito ao tema da educação matemática em sua interface com o Proeja, sabemos que há aproximadamente cinco anos, o *campus* Duque de Caxias localizado na periferia do Estado do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, têm materializado experiências voltadas para o ensino da matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional (EP). O objetivo das experiências pedagógicas no âmbito da matemática é de ampliar o conhecimento dos sujeitos da EJA, diminuir os índices de retenção e evasão dos mesmos, muitas vezes motivada pela crença de que não conseguem aprender matemática, principalmente nos primeiros períodos dos curso ofertados. No caso do *campus* Duque de Caxias, o curso ofertado é de Manutenção e Suporte em Informática (MSI).

Para além da ferramenta do quiz na matemática, experiência relatada em Valente *et al* (2019), e estratégias pedagógicas de aproximação do conteúdo matemático com a realidade do discente da EJA, a monitoria acadêmica passou a ser um potente instrumento de acompanhamento e desenvolvimento do conhecimento matemático, com reflexos significativos na avaliação e promoção dos discentes.

A potência no instrumento não está apenas nos resultados dos discentes atendidos, mas no desenvolvimento das discentes monitoras responsáveis por dar apoio aos alunos com dificuldades de aprendizagem. À luz de Amorim *et al* (2012), consideramos que a monitoria é um espaço de formação e uma oportunidade de integrar a teoria e a prática. E quando voltada às demandas dos alunos surdos, uma oportunidade de pensar em novas estratégias de mediação pedagógica que auxiliem no cotidiano da prática escolar marcada por um contexto de precarização.

Isto posto, este relato se divide em três momentos, quais sejam: no primeiro momento apresentamos os desafios para o ensino de surdos, tensionando sobre o modelo



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



de inclusão dos alunos surdos na realidade da escola pública brasileira; no segundo momento, vamos à realidade empírica do IFRJ, *Campus* Duque de Caxias, onde materializamos estes desafios no cenário de corte de recursos e ausência de uma política institucional de inclusão; por último, registramos os relatos das discentes monitoras, abordando os desafios de suas práticas e a construção de a partir da prática da monitoria e de seu legado formativo e humano.

1. Desafios no Ensino de Surdos

O alarmante fato de que a educação de sujeitos surdos apresenta índices de aspectos acadêmicos muito aquém dos apresentados pela educação de alunos ouvintes, apesar de suas capacidades cognitivas serem idênticas (LACERDA, 2006), explicita de forma transparente a inadequação do sistema brasileiro de ensino atual quanto a esta questão. Nas últimas décadas diversas ações têm sido tomadas para a mudança deste cenário, mas ainda existem diversas importantes barreiras e serem ultrapassadas. Neste período houve uma mudança nos paradigmas relacionados a educação de surdos, onde as escolas especiais perderam a exclusividade do atendimento na ampliação do conceito de inclusão de surdos nas escolas regulares. Este movimento, apesar de em vários aspectos ser positivo, apresenta inúmeras questões relacionadas a predominante falta de recursos, infraestrutura e formação de profissionais para atendimento adequado.

Observa-se que é comumente negligenciado, mas absolutamente necessário, o efetivo preparo prévio das estruturas físicas e dos recursos humanos em todas as escolas, públicas ou privadas, em todos os segmentos de ensino (RIBEIRO, 2004). Em particular, no caso do sujeito surdo, um recurso fundamental para um efetivo processo de aprendizagem, é a presença de um intérprete de Libras qualificado. Segundo (Lacerda, 2006), são poucas as pessoas com formação adequada para atuarem como intérpretes da Libras em escolas regulares. Apesar do aumento de ofertas cursos de formação destes profissionais, eles se concentram apenas nas grandes cidades e portanto, não é acessível a todos. Em cidades do interior do Brasil, pouquíssimas são as pessoas com esta formação específica e os alunos surdos destas regiões são em diversas situações impedidos de ter



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



acesso aos conteúdos acadêmicos fundamentais para seu desenvolvimento intelectual e humano.

Vygotsky (2001) afirma que a linguagem é responsável pela regulação da atividade psíquica humana, pois é ela que permeia a estruturação dos processos cognitivos. Assim, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento. No caso dos alunos surdos, como sua linguagem é distinta da linguagem predominante da escola, existe uma importante dificuldade em se inserir e interagir de forma satisfatória com seus pares na comunidade escolar, e isto pode gerar consequências emocionais, sociais e cognitivas (Góis, 1996).

Diversos autores chamam a atenção para o fato de que o aluno surdo, na maioria dos casos, não se comunicam com a mesma língua de seus colegas e professores, estando em desigualdade lingüística em sala de aula. Isto proporciona menor acesso aos conteúdos trabalhados, grande dificuldade em participar de discussões em aula sobre os temas propostos por professores e menor acesso a materiais audiovisuais, que nem sempre são adaptados às suas necessidades (Botelho, 1998). Portanto, o papel da escola na mediação desta problemática inerente a condição do sujeito surdo e na interpretação, não só no ambiente da sala de aula, mas em todo ambiente escolar, é um desafio a ser enfrentado.

Segundo Fernandes e Moreira (2009), ao contrário da maioria das crianças que aprendem sua língua materna em casa, as crianças surdas de pais ouvintes dependem da ação mediadora da escola para aprenderem a língua de sinais. Por conta disto, a escola precisa em alguns casos ampliar sua finalidade principal de garantir acesso à educação formal, estendendo-a para a educação lingüística das crianças surdas, e em muitas situações substituindo a família ouvinte na promoção de um ambiente favorável à apropriação da língua de sinais pelo aluno surdo e também, em diversas situações, até mesmo fornecendo ensino da Libras aos familiares ouvintes. Estas questões reforçam ainda mais a necessidade de uma escola efetivamente preparada para receber, acolher e formar sujeitos surdos, com adequado suporte e este aluno em diversos aspectos, inclusive incluindo assistência a seus familiares.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Em um importante trabalho de Antia e Stinson (1999), diferentes estudos sobre a inclusão são analisados e confrontados. Várias experiências de inclusão de crianças surdas são avaliadas e se identifica que a integração social e acadêmica não ocorre de forma adequada. A principal questão detectada nestes estudos é o precário acesso à comunicação, já que mesmo com as intervenções do profissional intérprete e uma adequada amplificação sonora, no caso de sujeitos com baixa audição, nem sempre tornam acessíveis os conteúdos tratados em classe. Destaca-se ainda, que a colaboração entre alunos surdos e ouvintes não é devidamente estimulada, causando impactos para a construção da educação inclusiva.

Ainda, outra importante conclusão desta pesquisa aponta para a necessidade de professores e outros profissionais constituírem uma equipe com tempo reservado para organização de atividades, trabalhando conjuntamente numa ação efetiva de proposição de atividades que atendam às necessidades de todos os alunos. Os autores afirmam que estas ações podem beneficiar todos os alunos, mas não são frequentemente desenvolvidas, mesmo em países desenvolvidos, onde estas pesquisas foram realizadas (ANTIA; STINSON, 1999).

As observações de Antia e Stinson (1999) são pertinentes à realidade brasileira e expressam os desafios da educação inclusiva em âmbito local, nacional e internacional. Desta forma, estudos dedicados a este campo da educação são bem-vindos e se somam à luta pelo direito por escolarização e conhecimento dos surdos e, especificamente, dos surdos da EJA.

2. O Atendimento a Alunos Surdos Jovens e Adultos na Rede Federal

Desde 2006 o PROEJA se apresenta na realidade das instituições federais de educação técnico-profissional. No Decreto 5840/2006, que institucionaliza que a oferta do Programa se dá de forma compulsória à Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, denominada de Rede Federal, garantindo que 10% do total de vagas ofertadas por suas instituições se destinem ao mesmo (BRASIL, 2006). A Rede Federal se constitui pelos 38 Institutos Federais distribuídos pelo território nacional, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelo Centro Federal de Educação



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e pelo Colégio Pedro II.

A compulsoriedade do Proeja na Rede Federal impactou a mesma, visto possuir com grande acúmulo na Educação Profissional e pouca expertise na modalidade EJA, principalmente em sua experiência integrada. Acreditamos que sem a força da legislação, a permanência de pouco mais de 10 anos do Proeja na Rede Federal possivelmente não se sustentaria, especialmente pelas relações de poder e interesse que incidem sobre a educação dos trabalhadores (GOUVEIA, 2018).

Consideramos ainda que o Programa detém em seus princípios e diretrizes expressos no Documento Base (BRASIL, 2007) aspectos fecundos, mesmo que ambivalentes (RUMMERT, 2007). Estas diretrizes, no plano conceitual, orientam práticas educativas a partir de fundamentos importantes para a formação da classe trabalhadora, como as perspectivas do trabalho como princípio educativo, da formação humana e do currículo integrado.

Os desafios postos à EJA, que possui uma realidade histórica descontínua, fragmentada e apartada de políticas integradoras da educação básica se somam às disputas internas pela permanência do Proeja no IFRJ e pela educação inclusiva que recebe no Proeja os sujeitos surdos (GOUVEIA, 2019). No campus Duque de Caxias, a inserção deste público iniciou após a Lei de Cotas⁵ de 2016 (nº 13.409/2016). Paulatinamente, os discentes surdos ingressam no curso técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI) integrado ao ensino médio na modalidade EJA e buscam ocupar seu lugar por direito. Tal cenário provocou a mobilização da direção escolar, professores, tradutores intérpretes de Libras e equipe pedagógica na busca da ampliação de recursos pedagógicos e humanos para a inclusão dos discentes surdos.

Desde 2018 tem-se acionado, via movimentos coletivos, espaços internos e externos para garantia do atendimento básico dos estudantes surdos do IFRJ, visto não haver intérpretes de Libras suficientes para o acompanhamento. A escassez de recursos imposta pelo Governo Federal em 2019, asseverou as condições de precarização do

⁵ Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



atendimento, visto a inviabilização da contratação de profissionais para este fim, o impacto das ações de monitoria acadêmica com cortes e redução de bolsas acadêmicas e o avanço em outras estratégias pedagógicas em andamento, como o Quiz Classroom Libras, uma ferramenta de perguntas e respostas, disponível para smartphone, onde os docentes propõem questões escritas e em vídeos para aprimorar e desafiar os conhecimentos matemáticos. A carência do profissional intérprete criou obstáculos para que a base de questões fosse totalmente traduzida para Libras. Ainda, como efeito da ausência de recursos e precarização, para maior abrangência deste trabalho, a ausência do intérprete fragilizou a inclusão dos próprios sujeitos surdos como protagonistas nesta pesquisa, visto que não pudemos recolher seus relatos.

3. Um pouco da experiência da monitoria acadêmica de Matemática no Campus Duque de Caxias do IFRJ para os Alunos Surdos:

A experiência da monitoria em matemática desenvolvida no campus Duque de Caxias nasceu da necessidade de dar suporte às dificuldades acumuladas pelos sujeitos da EJA em sua trajetória na Educação Básica. É importante sempre ressaltar que falamos de homens e mulheres, jovens e adultos, com interrupções no processo escolar por diversos motivos e realidades, marcadas por retenções, desânimo e desacolhimento. Os elementos dessa trajetória se potencializam na realidade dos sujeitos surdos, que para além dos percursos descontínuos ainda precisam lutar pela garantia de instrumentos adaptados e atendimento especializado à sua necessidade.

Sensível às questões da EJA e de seus discentes surdos, a equipe pedagógica se dispôs a desenvolver na monitoria acadêmica um olhar mais atento que correspondesse às suas demandas e para além disso, entender como o aluno monitor se observava no protagonismo destas ações, já que para os agentes monitores acompanhar os discentes surdos permite o enriquecimento do processo de aprendizagem, além de permitir recorrer a diferentes alternativas no atendimento das especificidades dos surdos. A recorrerem às atividades orientadas junto ao professor a monitoria aproxima teoria e prática (AMORIM et al, 2012, p. 35), estimula o exercício da pesquisa acadêmica, a capacidade de argumentação, domínio de conteúdo, desenvolve relações interpessoais e a vivência de



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



novas práticas. E apesar de analisar a função da monitoria na Educação Superior, o registro Schneider (2008) se aproxima da perspectiva deste trabalho ao afirmar que o trabalho da monitoria desenvolve habilidades pedagógicas e contribui para que os monitores produzam conhecimento, visto ser uma atividade formativa.

Baseado nesta perspectiva formativa, destaca-se os relatos a seguir de duas monitoras de matemática. Em ambos os casos, as discentes além de estudantes do Curso de nível médio/Proeja de Manutenção e Suporte em Informática, são também estudantes universitárias e uma delas tem conhecimentos suficientes de Libras para interagir com os alunos surdos. Seguem-se os relatos :

Minha experiência com deficientes auditivos antes do PROEJA era praticamente zero. Não conhecia ninguém com esse tipo de deficiência, por isso nunca tive interesse por Libras. Ao me deparar com alunos do MSI antes mesmo da monitoria, **me senti incomodada com a dificuldade encontrada por eles. Passei a entender melhor os desafios na educação de surdos quando me vi de mãos e pés atados na hora de ensinar. É uma sensação horrível.** De um lado o surdo, interessado, motivado a aprender. Do outro eu tentando ensinar sem ter efeito. **Naquele momento percebi que a deficiência não era só dele, era minha também, de todos os professores, do IFRJ!** O meu ensino era deficiente, já que eu não conseguia me comunicar. **Hoje vejo a importância de um ensino que seja realmente inclusivo** e ferramentas como o Quiz Libras ajudam não só ao deficiente mas quem está passando o conhecimento também. Ferramentas desse tipo **agregam ao aluno e ao professor** (Monitora 1, **grifos dos autores**).

Nunca tive experiência com os pessoas surdas antes do curso de Manutenção e Suporte em Informática, no mesmo semestre que eu ingressei no MSI eu estava fazendo a disciplina de Libras na faculdade. **Ao entrar na monitoria de matemática percebi diversos aspectos que tornam o ensino trabalhoso, mas ao mesmo tempo gratificante.** Cada aluno é diferente e aprende de forma diferente e tem um tempo de aprendizado personalizado também, **então é muito gratificante perceber alunos da Educação de Jovens e Adultos encontram na monitoria de matemática um outro espaço de aprendizagem.** e em relação aos alunos surdos no campus (...) percebi que um deles (...) **não se sentia à vontade em participar da monitoria quando tinham outros alunos, vindo ao campus em horários diferenciados,** me solicitando auxílio em matemática. Eu achava que ele conseguia aprender durante a monitoria (Monitora 2, **grifos dos autores**).

Observou-se que em ambos os relatos se expressa que a monitoria é uma experiência pedagógica e citam que as vivências com os sujeitos surdos se apresentam como um desafio, o que as estimula a superar seus limites e entender a importância da educação inclusiva. No relato também identificamos o incômodo gerado no monitor no



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



desenvolvimento das atividades destinadas aos sujeitos surdos, já que estão diante de uma situação nova e complexa. Nota-se a dedicação e investimento em estratégias pedagógicas que permitam a aprendizagem destes sujeitos e a necessária sensibilidade de atender às suas demandas, se disponibilizando ao atendimento mais individualizado quando as situações de desconforto do sujeito surdo se torna um obstáculo para sua aprendizagem. Por fim, destaca-se o trecho da monitora 2, qual seja, “(...) então é muito gratificante perceber alunos da Educação de Jovens e Adultos encontram na monitoria de matemática um outro espaço de aprendizagem”. Neste relato, se expressa o papel da monitoria acadêmica como espaço de desenvolvimento para o discente surdo e também um espaço potente de formação humana do monitor.

Considerações finais

Este trabalho apresenta um relato de experiência que expressa a construção do conhecimento e formação continuada de profissionais atentos às demandas da população jovem e adulta, em particular de sujeitos surdos do Curso de Manutenção e Suporte a Informática, integrado ao ensino médio, do *Campus* Duque de Caxias. Observou-se que mesmo com diversos limites a serem superados, a experiência se apresentou como uma oportunidade de construção do pensamento e conhecimento coletivo a partir de sujeitos pertencentes à EJA, seja na condição de discentes surdos atendidos pela monitoria, discentes monitores ou de docentes. Uma oportunidade também de dar visibilidade e protagonismo à modalidade e ao PROEJA em si, principalmente num cenário que avança na direção de seu apagamento.

A ausência de tradutores e intérprete no *Campus* Duque de Caxias do IFRJ durante o período de confecção deste trabalho em muito o prejudicou. A impossibilidade de colher os relatos dos alunos surdos atendidos pelas alunas monitoras impossibilitou a análise do desenvolvimento acadêmico dos discentes surdos como também a análise de outros aspectos deste atendimento. Mais grave ainda foi a impossibilidade de um atendimento adequado (em uma língua inteligível) a estes alunos durante as aulas de todas as disciplinas durante várias semanas do ano letivo de 2019. Este fato gerou enormes prejuízos e está na contramão de um projeto de escola inclusiva.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Diante deste cenário de acelerada precarização, observou-se um significativo engajamento por parte das alunas monitoras para que houvesse um ambiente de aprendizado efetivo para os alunos surdos. A ausência de intérprete de Libras nas sessões de monitoria, como também nas aulas regulares, e a compreensível ausência de proficiência na Língua Brasileira de Sinais por parte das monitoras não possibilitou que este esforço gerasse resultados práticos mensuráveis de curto prazo, como um avanço significativos nos conhecimentos matemáticos. No entanto, se mostrou importante no sentido de permitir que sejam consolidadas práticas que produzam conhecimento, garantam a permanência e o êxito dos educandos.

Referências

ABREU JÚNIOR, J.M. **Os processos de acesso e permanência nos cursos PROEJA do IFRJ: entre percalços, demandas e potencialidades.** 2017. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

AMORIM, R. M., LIRA, T.H., OLIVEIRA, M. P.; PALMEIRA, A.P. O papel da monitoria para a formação de professores: cenários, itinerários e possibilidades no contexto atual. **Revista Exitus**, v.2,n.2, jul-dez, 2012. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/100>. Acesso em outubro de 2019.

ANTIA, S. D.; STINSON, M. S. Some conclusions on the education of deaf and hard-of-hearing students in inclusive settings: endnote. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, Oxford, v. 4, n. 3, p. 246- 248, 1999.

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BRASIL. **Decreto 5.840 de 13 de julho de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm . Acesso em setembro de 2019.

BRASIL. PROEJA. Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Ensino Médio. **Documento Base.** 2007. Disponível em; http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em março de 2019.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L.C.. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 34, 2009.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação.** Campinas: Autores Associados, 1996.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



GOUVEIA, F.P.S. **Proeja e mundo do trabalho: inserção, reinserção e horizonte precário**. 2018. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GOUVEIA, F.P.S. Faces da precarização do mundo do trabalho e a juventude sobrando. **Estudos IAT**, v. 4, n. 1, p. 124-137, 2019.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno Cedes**, Campinas, v.26, n.69, p.163-184, 2006.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço Escolar: um elemento (in) visível no currículo. **Sitientibus**, Feira de Santana, v. 31, p. 103-18, 2004.

RUMMERT, S. M. Gramsci, Trabalho e Educação: jovens e adultos pouco escolarizados no Brasil actual. Portugal. **Cadernos Sísifo**, nº4, 2007.

VALENTE, A.G; PEREIRA, W.M.; GOUVEIA, F.P.S.; JORGE, E.N.L.F. Uma proposta de metodologia do ensino da matemática. **Anais do XII Encontro do Ensino de Matemática**. Cuiabá, MT., 2019.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, C.H.R.; BAPTISTA, C.R. Alunos com Surdez no Brasil: Espaços de Escolarização e Produção Acadêmica em Três Diferentes Contextos Regionais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol.24, número especial, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000500085. Acesso em setembro de 2019.

CAVALHEIRO, P. S. (2008). **Monitoria como estratégia pedagógica para o ensino das ciências no nível superior**. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS. [Online]; 2008.

SCHNEIDER, M. S. P. S. **A Produção de conhecimento e a Ambientação de Formação de Professor**. 2008. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008